



SÍNODO DOS BISPOS 2018

**OS JOVENS, A FÉ
E O DISCERNIMENTO VOCACIONAL**



XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS

Os jovens, a fé e o discernimento vocacional

DOCUMENTO PREPARATÓRIO

Introdução

«Eu disse-vos estas coisas para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa» (Jo 15, 11): eis o projeto de Deus para os homens e as mulheres de todos os tempos e, portanto, também para todos os jovens e as jovens do terceiro milénio, sem excluir ninguém.

Anunciar a alegria do Evangelho é a missão que o Senhor confiou à sua Igreja. O Sínodo sobre a nova evangelização e a Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* abordaram o modo de cumprir esta missão no mundo de hoje; por sua vez, os dois Sínodos sobre a família e a Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris laetitia* foram dedicados ao acompanhamento das famílias ao encontro desta alegria.

Em continuidade com este caminho, através de um novo percurso sinodal sobre o tema: «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional», a Igreja decidiu interrogar-se sobre o modo de acompanhar os jovens a reconhecer e a acolher o chamamento ao amor e a vida em plenitude, e também pedir aos próprios jovens que ajudem a identificar as modalidades hoje mais eficazes para anunciar a Boa-Nova. Através dos jovens, a Igreja poderá ouvir a voz do Senhor que ressoa inclusive nos dias de hoje. Assim como outrora Samuel (cf. *1 Sm* 3, 1-21) e Jeremias (cf. *Jr* 1, 4-10), existem jovens que sabem vislumbrar aqueles sinais do nosso tempo, apontados pelo Espírito. Ouvindo as suas aspirações, podemos entrever o mundo de amanhã que vem ao nosso encontro e os caminhos que a Igreja é chamada a percorrer. Para cada um a vocação ao amor adquire uma forma concreta na vida quotidiana, através de uma série de escolhas que estruturam a condição de vida (casamento, ministério ordenado, vida consagrada, etc.), a profissão, as modalidades de compromisso social e político, o estilo de vida, a gestão do tempo e do dinheiro, etc. Assumidas ou incorridas, conscientes ou inconscientes, trata-se de escolhas das quais ninguém se pode eximir. A finalidade do discernimento vocacional consiste em descobrir como as transformar, à luz da fé, em passos rumo à plenitude da alegria à qual todos somos chamados.

A Igreja está consciente de que possui «o que constitui a força e o encanto dos jovens: a faculdade de se alegrar com o que começa, de se dar sem nada exigir, de se renovar e de partir para novas conquistas» (*Mensagem do Concílio Vaticano II aos jovens*, 8 de dezembro de 1965); as riquezas da sua tradição espiritual oferecem muitos instrumentos com os quais acompanhar o amadurecimento da consciência e de uma liberdade autêntica.

Nesta perspetiva, com o presente *Documento preparatório* tem início a fase da consulta de todo o Povo de Deus. O *Documento* – dirigido aos Sínodos dos Bispos e aos Conselhos dos Hierarcas das Igrejas Orientais Católicas, às Conferências Episcopais, aos Dicastérios da Cúria Romana e à União dos Superiores-Gerais – termina com um questionário. Além disso, está prevista uma consulta de todos os jovens através de um site da Internet, com um questionário sobre as suas expectativas e a sua vida. As respostas aos dois questionários constituirão a base para a redação do *Documento de trabalho*, ou *Instrumentum laboris*, que será o ponto de referência para o debate dos Padres sinodais.

Este *Documento preparatório* propõe uma reflexão subdividida em três passos. Começa-se por delinear resumidamente algumas dinâmicas sociais e culturais do mundo em que os jovens crescem e tomam as suas decisões, para propor uma leitura de fé. Depois, percorrem-se de novo as passagens fundamentais do processo de discernimento, o qual constitui o principal instrumento que a Igreja deseja oferecer aos jovens para descobrir a própria vocação, à luz da fé. Finalmente, salientam-se os pontos fundamentais de uma pastoral juvenil vocacional. Por conseguinte, não se trata de um documento completo, mas de uma espécie de mapa que tenciona incentivar uma procura cujos frutos somente estarão disponíveis no final do caminho sinodal.

Nos passos do discípulo amado

Como inspiração para o percurso que começa, oferecemos um ícone evangélico: o apóstolo João. Na leitura tradicional do quarto Evangelho ele é tanto a figura exemplar do jovem que decide seguir Jesus, como «o discípulo a quem Jesus amava» (Jo 13, 23; 19, 26; 21, 7).

«Fixando o olhar sobre Jesus que passava, [João Batista] disse: “Eis o Cordeiro de Deus!”. Os dois discípulos ouviram Jesus falar e seguiram-no. Voltando-se Jesus e vendo que o seguiam, perguntou-lhes: “O que procurais?”. Responderam-lhe: “Rabi – que quer dizer Mestre – onde moras?”. Retorquiu-lhes: “Vinde e vede”. Foram então e viram onde morava, e naquele dia ficaram com Ele; eram aproximadamente quatro da tarde» (Jo 1, 36-39).

Na busca do sentido a dar à própria vida, dois discípulos de João Batista ouvem Jesus dirigir-lhes uma pergunta: «O que procurais?». À sua réplica: «Rabi (que quer dizer Mestre), onde moras?», segue-se a resposta-convite do Senhor: «Vinde e vede» (vv. 38-39). Jesus chama-os a um percurso interior e, ao mesmo tempo, a uma disponibilidade a colocar-se concretamente em movimento, sem saber bem onde é que isto os levará. Será um encontro memorável, a tal ponto que se recorda da hora em que teve lugar (v. 39).

Graças à coragem de ir e ver, os discípulos experimentarão a amizade fiel de Cristo e poderão viver diariamente com Ele, fazer-se interrogar e inspirar pelas suas palavras, deixar-se tocar e comover pelos seus gestos.

João, em particular, será chamado a ser testemunha da Paixão e Ressurreição do seu Mestre. Na última ceia (cf. Jo 13, 21-29), a sua intimidade com Ele levá-lo-á a apoiar a cabeça no peito de Jesus e a confiar-se à sua palavra. Conduzindo Simão Pedro até à casa do sumo sacerdote, enfrentará a noite da provação e da solidão (cf. Jo 18, 13-27). Ao pé da cruz abraçará a profunda dor da Mãe, a quem será confiado, assumindo a responsabilidade de cuidar dela (cf. Jo 19, 25-27). Na manhã de Páscoa, partilhará com Pedro a corrida impetuosa e cheia de esperança rumo ao sepulcro vazio (cf. Jo 20, 1-10). Finalmente, durante a pesca extraordinária no lago de Tiberíades (cf. Jo 21, 1-14), reconhecerá o Ressuscitado e dará testemunho disto diante da comunidade.

A figura de João pode ajudar-nos a compreender a experiência vocacional como um progressivo processo de discernimento interior e de amadurecimento da fé, que leva a descobrir a alegria do amor e a vida em plenitude no dom de si e na participação no anúncio da Boa Nova.

I – OS JOVENS NO MUNDO DE HOJE

Este capítulo não traça uma análise completa da sociedade e do mundo juvenil, mas tem presentes alguns resultados de sondagens em âmbito social, úteis para abordar o tema do discernimento vocacional, de forma a «deixar-se tocar por ela em profundidade e dar uma base concreta ao percurso ético e espiritual seguido» (*Laudato si'*, 15).

O quadro, traçado a nível planetário, deverá ser adaptado à realidade das circunstâncias específicas de cada região: não obstante a existência de tendências globais, as diferenças entre as várias áreas do planeta permanecem relevantes. Sob muitos aspetos, é correto afirmar que existe uma pluralidade de mundos juvenis, e não apenas um. Entre as numerosas diferenças, algumas sobressaem com particular evidência. A primeira é o efeito das dinâmicas demográficas e separa os países com elevada taxa de natalidade, em que os jovens representam uma porção significativa e crescente da população, daqueles onde o seu peso demográfico se vai reduzindo. Uma segunda diferença deriva da história, que distingue os países e os continentes de antiga tradição cristã, cuja cultura é portadora de uma memória que não pode ser perdida, dos países e continentes cuja cultura é, ao contrário, marcada por outras tradições e onde o cristianismo constitui uma presença minoritária e com frequência recente. Finalmente, não podemos esquecer a diferença entre os géneros masculino e feminino: por um lado, ela determina uma sensibilidade diferente e, por outro, é origem de formas de domínio, exclusão e discriminação das quais todas as sociedades têm necessidade de se libertar.

Nas páginas que se seguem, o termo «jovens» indica as pessoas de aproximadamente 16-29 anos de idade, com a consciência de que também este elemento deve ser adaptado às circunstâncias locais. De qualquer maneira, é bom recordar que a juventude, mais do que identificar uma categoria de pessoas, é uma fase da vida que cada geração volta a interpretar de modo singular e irrepetível.

1. Um mundo que se transforma rapidamente

A velocidade dos processos de mudança e de transformação é a principal particularidade que caracteriza as sociedades e as culturas contemporâneas (cf. *Laudato si'*, 18). A combinação entre elevada complexidade e rápida mudança faz com que nos encontremos num contexto de fluidez e de incerteza jamais experimentado anteriormente: é uma realidade que

devemos aceitar sem julgar *a priori*, se se trata de um problema ou de uma oportunidade. Esta situação exige que se assuma um olhar integral e que se adquira a capacidade de programar a longo prazo, prestando atenção à sustentabilidade e às consequências das escolhas de hoje em tempos e lugares remotos.

O aumento da incerteza reflete-se sobre a condição de vulnerabilidade, ou seja, a combinação entre mal-estar social e dificuldade económica, e sobre as experiências de insegurança de amplas camadas da população. No que diz respeito ao mundo do trabalho, podemos pensar nos fenómenos do desemprego, do aumento da flexibilidade e da exploração, sobretudo de menores, ou então no conjunto de causas políticas, económicas, sociais e até ambientais, que explicam o aumento exponencial do número de refugiados e migrantes. Face a poucos privilegiados que podem beneficiar das oportunidades oferecidas pelos processos de globalização económica, muitos vivem em situações de vulnerabilidade e de insegurança, o que tem um impacto sobre os seus itinerários de vida e sobre as suas escolhas.

A nível global, o mundo contemporâneo é marcado por uma cultura «cientificista», muitas vezes dominada pela técnica e pelas infinitas possibilidades que ela promete abrir, mas em cujo âmbito «parecem multiplicar-se as formas de tristeza e solidão em que caem as pessoas, incluindo muitos jovens» (*Misericórdia et misera*, 3). Como ensina a encíclica *Laudato si'*, o enredo entre paradigma tecnocrático e busca frenética do lucro a curto prazo está na origem daquela cultura do descartável que exclui milhões de pessoas, entre as quais numerosos jovens, e que leva à exploração indiscriminada dos recursos naturais e à degradação do meio ambiente, ameaçando o futuro das próximas gerações (cf. nn. 20-22).

Além disso, não podemos esquecer que muitas sociedades se tornam cada vez mais multiculturais e multirreligiosas. Em particular, a presença simultânea de diversas tradições religiosas representa um desafio e uma oportunidade: podem aumentar a desorientação e a tentação do relativismo mas, ao mesmo tempo, crescem as possibilidades de confronto fecundo e de enriquecimento recíproco. Aos olhos da fé, parece que este é um sinal do nosso tempo, o qual exige um crescimento na cultura da escuta, do respeito e do diálogo.

2. As novas gerações

Quem é jovem hoje, vive a própria condição num mundo diferente daquele da geração dos seus pais e dos seus educadores. Não apenas o sistema de vínculos e oportunidades muda com as transformações económicas e sociais, mas de forma subjacente alteram-se também os desejos, as necessidades, as sensibilidades e o modo de se relacionar com os outros. Além disso, se sob um certo ponto de vista é verdade que com a globalização os jovens tendem a ser cada vez mais homogêneos em todas as partes do mundo, contudo nos contextos locais subsistem peculiaridades culturais e institucionais que têm repercussões no processo de socialização e de construção da identidade.

O desafio da multiculturalidade atravessa de maneira particular o mundo juvenil, por exemplo com as peculiaridades das «segundas gerações» (ou seja, daqueles jovens que crescem numa sociedade e numa cultura diferentes daquelas dos seus pais, em virtude dos fenómenos migratórios), ou dos filhos de casais de certa forma «mistos» (sob os pontos de vista étnico, cultural e/ou religioso).

Em muitas partes do mundo, os jovens experimentam condições particularmente árduas, em cujo âmbito se torna difícil criar o espaço para escolhas de vida autênticas, na ausência de margens até mínimas de exercício da liberdade. Pensemos nos jovens em situações de pobreza e exclusão; naqueles que crescem sem pais nem família, ou então em quantos não têm a possibilidade de ir à escola; nas crianças e nos meninos de rua de numerosas periferias; nos jovens desempregados, deslocados e migrantes; naqueles que são vítimas de exploração, tráfico e escravidão; nas crianças e nos adolescentes recrutados à força em grupos criminosos ou milícias irregulares; nas noivas-crianças ou nas jovens obrigadas a casar contra a sua própria vontade. No mundo, demasiadas pessoas passam diretamente da infância para a idade adulta e para uma carga de responsabilidades que não puderam escolher. Muitas vezes as meninas, as adolescentes e as jovens devem enfrentar dificuldades ainda maiores do que as dos seus contemporâneos.

Estudos realizados a nível internacional permitem identificar alguns traços característicos dos jovens do nosso tempo.

Pertença e participação

Os jovens não se sentem como uma categoria desfavorecida, nem como um grupo social que deve ser protegido e, por conseguinte, nem sequer como destinatários passivos de programas pastorais ou de escolhas políticas. Muitos desejam ser parte ativa dos processos de mudança do presente, como confirmam as experiências de ativação e inovação a partir de baixo, que veem os jovens como protagonistas principais, embora não únicos.

A disponibilidade à participação e à mobilização em ações concretas, nas quais a contribuição pessoal de cada um pode ser ocasião de reconhecimento da própria identidade, mistura-se com a intolerância em relação a ambientes em que os jovens sentem, justa ou injustamente, que não encontram espaço nem recebem estímulos; isto pode levar à renúncia ou à dificuldade de desejar, sonhar e projetar, como o demonstra a difusão do fenómeno *NEET* (*not in education*,

employment or training, ou seja, dos jovens não comprometidos numa atividade de estudo, nem de trabalho e nem sequer de formação profissional). A discrepância entre os jovens passivos e desanimados, e aqueles que são empreendedores e vitais é o fruto das oportunidades concretamente oferecidas a cada um dentro do contexto social e familiar em que cresce, assim como das experiências de sentido, relação e valor feitas inclusive antes do início da juventude. A falta de confiança em si mesmos e nas suas capacidades pode manifestar-se não somente na passividade, mas também numa preocupação exagerada com a própria imagem e num conformismo condescendente com as modas do momento.

Pontos de referência pessoais e institucionais

Várias pesquisas demonstram que os jovens sentem a necessidade de figuras de referência próximas, credíveis, coerentes e honestas, assim como de lugares e de ocasiões para pôr à prova a capacidade de se relacionar com os outros (tanto com os adultos como os da sua idade) e para enfrentar as dinâmicas afetivas. Eles procuram figuras que sejam capazes de manifestar sintonia e oferecer apoio, encorajamento e ajuda a reconhecer os limites, sem fazer pesar o próprio juízo.

Deste ponto de vista, o papel dos pais e das famílias continua a ser crucial e às vezes problemático. Com frequência, as gerações mais maduras tendem a subestimar as potencialidades, põem em evidência as formas de fragilidade e têm dificuldade de compreender as exigências dos mais jovens. Pais e educadores adultos podem também ter em consideração os seus próprios erros e o que não gostariam que os jovens fizessem, mas muitas vezes também não sabem claramente como ajudá-los a orientar o seu olhar para o futuro. As duas reações mais comuns são a renúncia a fazer-se ouvir e a imposição das próprias escolhas. Pais ausentes ou superprotetores tornam os filhos mais frágeis e tendem a subestimar os riscos ou a ser obcecados pelo medo de cometer erros.

No entanto, os jovens não procuram apenas figuras de referência adultas: é forte o seu desejo de confronto aberto entre pares. Tendo em vista esta finalidade, é grande a necessidade de ocasiões de interação livre, de expressão afetiva, de aprendizagem informal, de experimentação de funções e de habilidades, sem tensão nem ansiedade.

Tendencialmente cautelosos com aqueles que se encontram fora do círculo das relações pessoais, muitas vezes os jovens alimentam desconfiança, indiferença ou até indignação pelas instituições. Isto não diz respeito unicamente à política, mas refere-se cada vez mais às instituições de formação e à Igreja, no seu aspeto institucional. Gostariam que ela estivesse mais próxima do povo e fosse mais atenta aos problemas sociais, mas não têm a certeza de que isto acontecerá de forma imediata.

Tudo isto se verifica num contexto em que a pertença confessional e a prática religiosa se tornam cada vez mais características de uma minoria, e os jovens não se colocam «contra», mas aprendem a viver «sem» o Deus apresentado pelo Evangelho e «sem» a Igreja, confiando ao contrário em formas de religiosidade e espiritualidade alternativas e pouco institucionalizadas, ou então refugiando-se em seitas ou experiências religiosas com uma forte matriz identitária. Em muitos lugares, a presença da Igreja torna-se menos frequente e, por isso, é mais difícil encontrá-la, enquanto a cultura dominante é portadora de instâncias muitas vezes em contraste com os valores evangélicos, quer se trate de elementos da própria tradição, quer da declinação local de uma globalização de tipo consumista e individualista.

Rumo a uma geração hiper(conectada)

Hoje as jovens gerações são caracterizadas pela relação com as modernas tecnologias da comunicação e com aquilo que normalmente é chamado o «mundo virtual», mas que também tem efeitos muito reais. Ele oferece possibilidades de acesso a uma série de oportunidades que as gerações precedentes não tinham e, ao mesmo tempo, apresenta riscos. No entanto, é de grande importância que se preste atenção ao modo como a experiência de relações tecnologicamente mediadas estrutura o conceito do mundo, da realidade e das relações interpessoais, e é com isto que é chamada a medir-se a ação pastoral, que tem necessidade de desenvolver uma cultura adequada.

3. Os jovens e as escolhas

No contexto de fluidez e de precariedade que delineámos, a transição para a vida adulta e a construção da identidade exigem cada vez mais um percurso «reflexivo». As pessoas são forçadas a readaptar os seus percursos de vida e a voltar a apropriar-se continuamente das próprias escolhas. Além disso, juntamente com a cultura ocidental difunde-se um conceito de liberdade entendida como possibilidade de aceder a oportunidades sempre novas. Não se aceita que construir um percurso de vida pessoal significa renunciar a trilhar caminhos diferentes no futuro: «Hoje escolho este,

amanhã veremos». Tanto nas relações afetivas como no mundo do trabalho, o horizonte compõe-se mais de opções sempre reversíveis do que de escolhas definitivas.

Neste contexto, as antigas abordagens não funcionam mais e a experiência transmitida pelas gerações precedentes torna-se rapidamente obsoleta. Oportunidades válidas e riscos insidiosos entrelaçam-se num enredo não facilmente solúvel. Tornam-se indispensáveis instrumentos culturais, sociais e espirituais adequados, a fim de que os mecanismos do processo decisório não se bloqueiem e se acabe, talvez por medo de errar, por se submeter à mudança em vez de a orientar. Eis quanto disse o Papa Francisco: «Como podemos despertar a grandeza e a coragem de escolhas de amplo alcance, de impulsos de coração para enfrentar desafios educativos e afetivos?». Já repeti muitas vezes: Arrisca! Arrisca! Quem não arrisca não caminha. “Mas se eu errar?”. Bendito o Senhor! Errarás mais se permaneceres parado, parada» (*Discurso na Villa Nazareth*, 18 de junho de 2016).

Na busca de percursos capazes de despertar a coragem e os impulsos do coração, não podemos deixar de ter em consideração que a pessoa de Jesus e a Boa-Nova por Ele proclamada continuam a fascinar muitos jovens.

A capacidade que os jovens têm de escolher é impedida por dificuldades ligadas à condição de precariedade: a luta para encontrar um trabalho ou a falta dramática do mesmo; os obstáculos na construção de uma autonomia económica; a impossibilidade de estabilizar o próprio percurso profissional. Normalmente, para as mulheres jovens, estes obstáculos são ainda mais árduos de superar.

A dificuldade económica e social das famílias, o modo como os jovens adquirem alguns traços da cultura contemporânea e o impacto das novas tecnologias exigem uma maior capacidade de enfrentar o desafio educacional no seu significado mais amplo: esta é a emergência educativa evidenciada por Bento XVI na *Carta à Cidade e à Diocese de Roma sobre a urgência da educação* (21 de janeiro de 2008). A nível global, é necessário ter em consideração inclusive as desigualdades entre os países e o seu efeito sobre as oportunidades oferecidas aos jovens nas diferentes sociedades, em termos de inclusão. Também fatores culturais e religiosos podem gerar a exclusão, por exemplo no que diz respeito às disparidades de género ou à discriminação contra as minorias étnicas ou religiosas, a ponto de impelir os jovens mais empreendedores à emigração.

Em tal contexto é particularmente urgente promover as capacidades pessoais, colocando-as ao serviço de um sólido projeto de crescimento comum. Os jovens apreciam a possibilidade de combinar a ação em projetos concretos que lhes permitam medir a própria capacidade de alcançar resultados, o exercício de um protagonismo destinado a melhorar o contexto em que vivem, a oportunidade de adquirir e aprimorar no campo competências úteis para a vida e o trabalho.

A inovação social exprime um protagonismo positivo que inverte a condição das novas gerações: de perdedores que pedem proteção contra os riscos da mudança, para protagonistas da transformação, capazes de criar novas oportunidades. É significativo que exatamente os jovens – com frequência fechados no estereótipo da passividade e da inexperiência – proponham e pratiquem alternativas que mostram como o mundo ou a Igreja poderiam ser. Se quisermos que aconteça algo de novo na sociedade ou na comunidade cristã, devemos deixar espaço a fim de que pessoas mais jovens possam agir. Em outras palavras, projetar a mudança segundo os princípios da sustentabilidade exige que se permita às novas gerações experimentar um novo modelo de desenvolvimento. Isto é particularmente problemático naqueles países e âmbitos institucionais em que a idade de quantos ocupam lugares de responsabilidade é elevada, diminuindo os ritmos de renovação geracional.

II – FÉ, DISCERNIMENTO, VOCAÇÃO

Através do percurso deste Sínodo, a Igreja quer reiterar o seu desejo de encontrar, acompanhar e cuidar de cada jovem, sem exceção. Não podemos nem queremos abandoná-los às formas de solidão e de exclusão às quais o mundo os expõe. Que a sua vida seja uma boa experiência, que não se percam nos caminhos de violência ou de morte, que a desilusão não os aprisione na alienação: tudo isto não pode deixar de ser uma forte solicitude de quem foi gerado para a vida e para a fé, consciente de ter recebido um grande dom.

Em virtude deste dom, sabemos que vir ao mundo significa encontrar a promessa de uma vida boa e que ser acolhido e protegido é a experiência originária que inscreve em cada um a confiança de não ser abandonado à falta de sentido nem à obscuridade da morte e a esperança de poder manifestar a própria originalidade num percurso rumo à plenitude da vida.

A sabedoria da Igreja oriental ajuda-nos a descobrir como esta confiança está radicada na experiência de «três nascimentos»: o nascimento natural, como mulher ou como homem, num mundo capaz de acolher e promover a vida; o nascimento do batismo, «quando alguém se torna filho de Deus pela graça»; e depois um terceiro nascimento, quando se dá a passagem «da forma de vida corporal para aquela espiritual», que abre ao exercício maduro da liberdade (cf. *Discursos de Filoxeno de Mabug*, bispo sírio do século V, n. 9).

Oferecer a outros o dom que nós mesmos recebemos significa acompanhá-los ao longo deste percurso, ladeando-os na abordagem das próprias fragilidades e das dificuldades da vida, mas sobretudo fomentando as liberdades que ainda se estão a constituir.

Em relação a tudo isto a Igreja, a começar pelos seus Pastores, é chamada a pôr-se em discussão e a redescobrir a sua vocação com o estilo que o Papa Francisco recordou no início do seu pontificado: «O cuidar, o guardar requer bondade, requer que seja praticado com ternura. Nos Evangelhos, São José aparece como um homem forte, corajoso, trabalhador, mas no seu íntimo sobressai uma grande ternura, que não é a virtude dos fracos; antes, pelo contrário, denota fortaleza de espírito e capacidade de solicitude, de compaixão, de verdadeira abertura ao outro, capacidade de amor» (*Homilia por ocasião do início do ministério petrino*, 19 de março de 2013).

Nesta perspetiva, agora serão apresentadas algumas considerações em ordem a um acompanhamento dos jovens a partir da fé, à escuta da tradição da Igreja e com o claro objetivo de os assistir no seu discernimento vocacional e na assunção das opções fundamentais da vida, a partir da consciência da índole irreversível de algumas delas.

1. Fé e vocação

Enquanto participação no modo de ver de Jesus (cf. *Lumen fidei*, 18), a fé é a fonte do discernimento vocacional, porque oferece os seus conteúdos fundamentais, as suas articulações específicas, o seu estilo singular e a pedagogia que lhe é própria. Receber este dom da graça com alegria e disponibilidade requer que ele se torne fecundo através de escolhas de vida concretas e coerentes.

«Não fostes vós que me escolhestes, mas fui Eu que vos escolhi e vos constituí para irdes e dardes fruto, e para que o vosso fruto permaneça. Foi assim que vos constituí, a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai, em meu nome, Ele vo-lo conceda. O que vos mando é que vos ameis uns aos outros» (*Jo* 15, 16-17). Se a vocação à alegria do amor é o apelo fundamental que Deus inscreve no coração de cada jovem, a fim de que a sua experiência possa dar fruto, a fé é dom do alto e, ao mesmo tempo, resposta ao sentir-se escolhido e amado.

A fé «não é um refúgio para gente sem coragem, mas a dilatação da vida: faz descobrir um grande chamamento – a vocação ao amor – e assegura que este amor é fiável, que vale a pena entregar-se a ele, porque o seu fundamento se encontra na fidelidade de Deus, que é mais forte do que toda a nossa fragilidade» (*Lumen fidei*, 53). Esta fé «torna-se luz para iluminar todas as relações sociais», contribuindo para «construir a fraternidade universal» entre os homens e as mulheres de todos os tempos (*ibid.*, 54).

A Bíblia apresenta numerosas narrações de vocação e de resposta de jovens. À luz da fé, eles tomam gradualmente consciência do projeto de amor apaixonado que Deus tem por cada um. É esta a intenção de cada ação de Deus, a partir da criação do mundo como lugar «bom», capaz de acolher a vida, e oferecido em forma de dom como trama de relações às quais confiar-se.

Acreditar significa colocar-se à escuta do Espírito e em diálogo com a Palavra, que é caminho, verdade e vida (cf. *Jo* 14, 6), com toda a própria inteligência e afetividade, aprender a dar-lhe confiança «encarnando-a» na realidade da vida quotidiana, nos momentos em que a cruz se faz próxima e naqueles em que se experimenta a alegria perante os sinais de ressurreição, precisamente como fez o «discípulo amado». É este o desafio que interpela a comunidade cristã e cada fiel em particular.

O espaço deste diálogo é a consciência. Como ensina o Concílio Vaticano II, ela «é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual ele se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser» (*Gaudium et spes*, 16). Por conseguinte, a consciência é um espaço inviolável onde se manifesta o convite a aceitar uma promessa. Distinguir a voz do Espírito dos outros apelos e decidir que resposta dar é uma tarefa que compete a cada um: os outros podem acompanhá-la e confirmá-la, mas jamais substituí-la.

A vida e a história ensinam-nos que para o ser humano nem sempre é fácil reconhecer a forma concreta daquela alegria para a qual Deus o chama e para a qual o seu desejo tende, muito menos agora, num contexto de mudança e de incerteza generalizada. Por vezes a pessoa deve lutar contra o desencorajamento ou contra a força de outros apegos, que a impedem na sua corrida rumo à plenitude: é a experiência de muitas pessoas, por exemplo daquele jovem que dispunha de demasiadas riquezas para ser livre de aceitar o chamamento de Jesus e, por isso, foi embora triste e não repleto de alegria (cf. *Mc* 10, 17-22). Embora tenha necessidade de ser sempre purificada e desimpedida, a liberdade humana nunca perde totalmente a capacidade radical de reconhecer o bem e de o praticar: «Os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, podem também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se, para além de qualquer condicionamento psicológico e social que lhes for imposto» (*Laudato si'*, 205).

2. O dom do discernimento

Tomar decisões e orientar as ações pessoais em situações de incerteza e perante impulsos interiores contrastantes é o âmbito do exercício do discernimento. Trata-se de um termo clássico da tradição da Igreja, que se aplica a uma pluralidade de situações. Com efeito, existe um discernimento dos sinais dos tempos, que aposta no reconhecimento da presença e da ação do Espírito na história; um discernimento moral, que distingue o que é bom daquilo que é mau; um discernimento espiritual, que se propõe reconhecer a tentação para a rejeitar e, ao contrário, proceder pelo caminho da plenitude da vida. As tramas entre estas diferentes interpretações são evidentes e nunca se conseguem desatar completamente.

Tendo isto bem presente, concentremo-nos aqui no discernimento vocacional, ou seja no processo com que a pessoa, em diálogo com o Senhor e à escuta da voz do Espírito, chega a fazer as opções fundamentais, a começar por aquela sobre o estado de vida. Se a interrogação sobre o modo como não desperdiçar as oportunidades de realização pessoal diz respeito a todos os homens e mulheres, para o crente a pergunta torna-se ainda mais intensa e profunda. Como viver a Boa-Nova do Evangelho e responder ao chamamento que o Senhor dirige a todos aqueles a quem vai ao encontro: através do casamento, do ministério ordenado, da vida consagrada? E qual é o campo em que se pode fazer frutificar os talentos pessoais: a vida profissional, o voluntariado, o serviço aos últimos, o compromisso na política?

O Espírito fala e age através dos acontecimentos da vida de cada um, mas os eventos em si mesmos são mudos ou ambíguos, uma vez que podem ser interpretados de diferentes modos. Iluminar o seu significado em ordem a uma decisão exige um percurso de discernimento. Os três verbos com que ele é descrito na *Evangelii gaudium*, 51 – reconhecer, interpretar, escolher – podem ajudar-nos a delinear um itinerário adequado tanto para os indivíduos como para os grupos e as comunidades, conscientes de que na prática os confins entre as diversas fases nunca são tão claros.

Reconhecer

O reconhecimento diz respeito antes de tudo aos efeitos que os acontecimentos da minha vida, as pessoas com as quais me encontro, as palavras que ouço ou que leio produzem na minha interioridade: uma variedade de «desejos, sentimentos, emoções» (*Amoris laetitia*, 143) de natureza muito diferente: tristeza, obscuridade, plenitude, medo, alegria, paz, sensação de vazio, ternura, raiva, esperança, tibieza, etc. Sinto-me atraído ou impelido numa pluralidade de direções, sem que nenhuma delas me pareça como aquela que claramente devo tomar; é o momento dos altos e baixos, e em certos casos de uma autêntica luta interior. Reconhecer requer que se traga à tona esta riqueza emocional e que se mencionem estas paixões, mas sem as julgar. Exige também que se sinta o «gosto» que elas deixam, ou seja, a consonância ou dissonância entre o que eu experimento e aquilo que existe de mais profundo em mim.

Nesta fase a Palavra de Deus reveste-se de grande importância: com efeito, meditá-la põe em movimento as paixões, assim como todas as experiências de contacto com a própria interioridade, mas ao mesmo tempo oferece uma possibilidade de as fazer sobressair, identificando-se nas vicissitudes que ela narra. A fase do reconhecimento coloca no centro a capacidade de escuta e a afetividade da pessoa, sem se subtrair por medo ao cansaço do silêncio. Trata-se de uma passagem fundamental no percurso de amadurecimento pessoal, de maneira particular para os jovens que experimentam com maior intensidade o vigor dos desejos e podem sentir-se também assustados diante deles, talvez renunciando aos grandes passos para os quais contudo se sentem impelidos.

Interpretar

Não é suficiente reconhecer aquilo que nós experimentamos: é necessário «interpretá-lo» ou, por outras palavras, compreender para o que o Espírito nos chama através daquilo que suscita em cada um. Muitas vezes detemo-nos a narrar uma experiência, ressaltando que «ficamos deveras impressionados». Mais difícil é compreender a origem e o significado dos desejos e das emoções sentidas e avaliar se eles nos orientam numa direção construtiva ou, pelo contrário, se nos levam a fechar-nos em nós mesmos.

Esta fase de interpretação é muito delicada; exige paciência, vigilância e também uma certa aprendizagem. Devemos ter a capacidade de estar cientes dos efeitos dos condicionamentos sociais e psicológicos. Isto requer que se ponham em campo também as próprias faculdades intelectuais, contudo sem cair no risco de construir teorias abstratas sobre aquilo que seria bom ou bonito fazer: até no discernimento, «a realidade é superior à ideia» (*Evangelii gaudium*, 231). Na interpretação, não podemos nem sequer descuidar o confronto com a realidade e a consideração das possibilidades que objetivamente temos à disposição.

Para interpretar os desejos e os impulsos interiores é necessário confrontar-se honestamente, à luz da Palavra de Deus, também com as exigências morais da vida cristã, procurando inseri-las sempre na situação concreta de vida. Este esforço

impela quem o envia a não se contentar com a lógica legalista do mínimo indispensável, procurando ao contrário o modo de valorizar da melhor maneira os dons pessoais e as próprias possibilidades: por isso, trata-se de uma proposta atraente e estimulante para os jovens.

Este trabalho de interpretação realiza-se num diálogo interior com o Senhor, com a ativação de todas as capacidades da pessoa; no entanto, a ajuda de um especialista na escuta do Espírito constitui um apoio inestimável, que a Igreja oferece e do qual é pouco prudente não lançar mão.

Escolher

Uma vez reconhecido e interpretado o mundo dos desejos e das paixões, o ato de decidir torna-se exercício de autêntica liberdade humana e de responsabilidade pessoal, obviamente sempre situadas e portanto limitadas. Por conseguinte, a escolha subtrai-se à força cega dos instintos, aos quais um certo relativismo contemporâneo acaba por atribuir o papel de critério último, aprisionando a pessoa na volubilidade. Ao mesmo tempo, liberta-se da sujeição a instâncias externas à pessoa e portanto heterónomas, exigindo igualmente uma coerência de vida.

Durante muito tempo, ao longo da história, as decisões fundamentais da vida não foram tomadas pelas partes diretamente interessadas; em certas regiões do mundo ainda é assim, como foi mencionado inclusive no capítulo I. Promover escolhas verdadeiramente livres e responsáveis, despojando-se de toda a conivência com legados de outros tempos, permanece o objetivo de qualquer pastoral vocacional séria. O discernimento é o seu principal instrumento, que permite salvaguardar o espaço inviolável da consciência, sem pretender substituí-la (cf. *Amoris laetitia*, 37).

A decisão deve ser posta à prova dos acontecimentos, tendo em vista a sua confirmação. A escolha não pode permanecer prisioneira numa interioridade que corre o risco de permanecer virtual ou irrealista – trata-se de um perigo acentuado na cultura contemporânea – mas é chamada a traduzir-se em ação, a encarnar, a dar início a um percurso, aceitando o risco de se confrontar com aquela realidade que tinha posto em movimento desejos e emoções. Nesta fase surgirão outros ainda: reconhecê-los e interpretá-los permitirá confirmar a bondade da decisão tomada ou aconselhará a revê-la. Por isso, é importante «sair» também do medo de errar que, como vimos, pode tornar-se paralisante.

3. Percursos de vocação e missão

O discernimento vocacional não se completa com um único ato, não obstante na narração de cada vocação seja possível identificar momentos ou encontros decisivos. Como todas as realidades importantes da vida, também o discernimento vocacional é um processo longo, que se desenvolve ao longo do tempo, durante o qual é preciso continuar a velar sobre as indicações com as quais o Senhor determina e especifica uma vocação, que é primorosamente pessoal e irrepitível. O Senhor pediu a Abraão e Sara que partissem, mas foi somente num caminho progressivo e não sem passos falsos que se esclareceu qual era a inicialmente misteriosa «terra que Eu te mostrarei» (*Gn* 12, 1). A própria Maria progride na consciência da sua própria vocação através da meditação sobre as palavras que ouve e os eventos que lhe acontecem, inclusive aqueles que Ela não compreende (cf. *Lc* 2, 50-51).

O tempo é fundamental para verificar a orientação efetiva da decisão tomada. Como ensina cada página do texto bíblico, não existe vocação que não seja ordenada para uma missão acolhida com temor ou com entusiasmo.

Aceitar a missão implica a disponibilidade de arriscar a própria vida e percorrer o caminho da cruz, nos passos de Jesus que, com determinação, se pôs a caminho rumo a Jerusalém (cf. *Lc* 9, 51) para entregar a própria vida pela humanidade. Só se a pessoa renunciar a ocupar o centro da cena com as suas próprias necessidades é que se abrirá o espaço para receber o projeto de Deus sobre a vida familiar, o ministério ordenado ou a vida consagrada, assim como para desempenhar com rigor a própria profissão e buscar sinceramente o bem comum. Em particular nos lugares onde a cultura é mais profundamente marcada pelo individualismo, é necessário averiguar em que medida as escolhas são ditadas pela própria autorrealização narcisista e, ao contrário, em que medida elas abrangem a disponibilidade a viver a existência pessoal na lógica do dom generoso de si mesmo. É por isso que o contacto com a pobreza, a vulnerabilidade e a carência revestem uma grande importância nos percursos de discernimento vocacional. No que se refere aos futuros pastores, é oportuno acima de tudo avaliar e promover o crescimento da disponibilidade a deixar-se impregnar pelo «cheiro de ovelhas».

4. O acompanhamento

Na base do discernimento podemos encontrar três convicções, bem arraigadas na experiência de cada ser humano, relida à luz da fé e da tradição cristã. A primeira é que o Espírito de Deus age no coração de cada homem e de cada mulher, através de sentimentos e desejos que se vinculam a ideias, imagens e projetos. Ouvindo com atenção, o ser

humano tem a possibilidade de interpretar estes sinais. A segunda convicção é que o coração humano, por causa da sua fragilidade e do seu pecado, se apresenta normalmente dividido porque atraído por apelos diversos ou até opostos entre si. A terceira convicção é que, contudo, o percurso de vida obriga a decidir, porque não se pode permanecer infinitamente na indeterminação. No entanto, é preciso dispor dos instrumentos para reconhecer o chamamento do Senhor para a alegria do amor e decidir dar-lhe uma resposta.

Entre estes instrumentos, a tradição espiritual põe em evidência a importância do acompanhamento pessoal. Para acompanhar outra pessoa, não é suficiente estudar a teoria do discernimento; é preciso viver na própria pele a experiência de interpretar os movimentos do coração para neles reconhecer a ação do Espírito, cuja voz sabe falar à singularidade de cada um. O acompanhamento pessoal requer que se aguçe continuamente a própria sensibilidade à voz do Espírito, levando a descobrir nas peculiaridades pessoais um recurso e uma riqueza.

Trata-se de favorecer a relação entre a pessoa e o Senhor, colaborando para remover aquilo que a impede. Nisto consiste a diferença entre o acompanhamento em vista do discernimento e o apoio psicológico, que no entanto, se permanecer aberto à transcendência, se revelará com frequência de importância fundamental. O psicólogo apoia uma pessoa em dificuldade, ajudando-a a tomar consciência das próprias fragilidades e potencialidades; o guia espiritual remete a pessoa ao Senhor e prepara o terreno para o encontro com Ele (cf. *Jo* 3, 29-30).

Os trechos evangélicos que narram o encontro de Jesus com as pessoas do seu tempo põem em evidência alguns elementos que nos ajudam a traçar o perfil ideal de quem acompanha o jovem no discernimento vocacional: o olhar amoroso (a vocação dos primeiros discípulos, cf. *Jo* 1, 35-51); a palavra autorizada (o ensinamento na sinagoga de Cafarnaum, cf. *Lc* 4, 32); a capacidade de «se fazer próximo» (a parábola do bom samaritano, cf. *Lc* 10, 25-37); a escolha de «caminhar ao lado» (os discípulos de Emaús, cf. *Lc* 24, 13-35); e o testemunho de autenticidade, sem medo de ir contra os preconceitos mais difundidos (o lava-pés na última ceia, cf. *Jo* 13, 1-20).

No compromisso de acompanhamento das jovens gerações, a Igreja acolhe o seu chamamento a colaborar para a alegria dos jovens, em vez de procurar apoderar-se da sua fé (cf. *2 Cor* 1, 24). Em última instância, este serviço radica-se na oração e no pedido do dom do Espírito que guia e ilumina todos e cada um.

III – A AÇÃO PASTORAL

O que significa para a Igreja acompanhar os jovens e acolher a chamada para a alegria do Evangelho, sobretudo numa época marcada pela incerteza, pela precariedade e pela insegurança?

A finalidade deste capítulo é pôr em foco o que comporta levar a sério o desafio do cuidado pastoral e do discernimento vocacional, tendo em consideração os protagonistas, os lugares e os instrumentos à disposição. Neste sentido, reconhecemos uma inclusão recíproca entre pastoral juvenil e pastoral vocacional, mas estamos conscientes das diferenças. Não se trata de uma visão exaustiva, mas de indicações para completar, tendo como base as experiências de cada uma das Igrejas locais.

1. Caminhar com os jovens

Acompanhar os jovens exige sair dos próprios esquemas pré-fabricados, encontrando-os lá onde eles estão, adaptando-se aos seus tempos e aos seus ritmos; significa também levá-los a sério na dificuldade que têm de decifrar a realidade em que vivem e de transformar um anúncio recebido em gestos e palavras, no esforço quotidiano de construir a própria história e na busca mais ou menos consciente de um sentido para as suas vidas.

Cada domingo os cristãos mantêm viva a memória de Jesus morto e ressuscitado, encontrando-o na celebração da Eucaristia. Na fé da Igreja muitas crianças são batizadas e prosseguem o caminho da iniciação cristã. Porém, isto ainda não equivale a uma escolha madura para uma vida de fé. Para alcançar isto, é necessário trilhar um caminho que às vezes passa inclusive por sendas imprevisíveis e distantes dos lugares habituais das comunidades eclesiais. Por isso, como recordou o Papa Francisco, «pastoral vocacional significa aprender o estilo de Jesus, que passa pelos lugares da vida diária, se detém sem pressa e, olhando para os irmãos com misericórdia, os conduz ao encontro com Deus Pai» (*Discurso aos participantes no Congresso de Pastoral Vocacional*, 21 de outubro de 2016). É caminhando com os jovens que construímos toda a comunidade cristã.

Exatamente porque se trata de interpelar a liberdade dos jovens, é necessário valorizar a criatividade de cada comunidade para construir propostas capazes de reconhecer a originalidade de cada um e de secundar o seu desenvolvimento. Em muitos casos, trata-se também de aprender a dar espaço real à novidade, sem a sufocar na tentativa de a catalogar em esquemas predeterminados: não pode existir uma sementeira de vocações frutuosa, se simplesmente permanecermos fechados no «cômodo critério pastoral do “sempre se fez assim”», sem «sermos ousados

e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respetivas comunidades» (*Evangelii gaudium*, 33). Três verbos, que nos Evangelhos conotam o modo de Jesus se encontrar com as pessoas do seu tempo, ajudam-nos a estruturar este estilo pastoral: sair, ver, chamar.

Sair

Neste sentido, pastoral vocacional significa aceitar o convite do Papa Francisco a sair, antes de mais nada daquelas formas de rigidez que tornam menos credível o anúncio da alegria do Evangelho, dos esquemas em que as pessoas se sentem catalogadas e de um modo de ser da Igreja que às vezes resulta anacrónica. Sair é também sinal de liberdade interior em relação a atividades e preocupações habituais, de maneira a permitir que os jovens sejam protagonistas. Julgarão a comunidade cristã tanto mais atraente quanto mais a experimentarem acolhedora no que diz respeito à contribuição concreta e original que eles mesmos podem oferecer.

Ver

Sair para o mundo dos jovens exige a disponibilidade a passar tempo com eles, a ouvir as suas histórias, as suas alegrias e esperanças, as suas tristezas e angústias, para as partilhar com eles: este é o caminho para inculturar o Evangelho e evangelizar todas as culturas, inclusive a juvenil. Quando os Evangelhos narram os encontros de Jesus com os homens e as mulheres do seu tempo, põem em evidência exatamente a sua capacidade de estar com eles e o fascínio que sentem quantos fitam o seu olhar. Nisto consiste o olhar de cada pastor autêntico, capaz de ver nas profundezas do coração, sem ser inoportuno nem ameaçador; é o verdadeiro olhar do discernimento, que não quer apoderar-se da consciência de outrem, e nem sequer predeterminar o percurso da graça de Deus a partir dos seus próprios esquemas.

Chamar

Nas narrações evangélicas, o olhar de Jesus transforma-se numa palavra, que é um chamamento a uma novidade a ser acolhida, explorada e construída. Chamar quer dizer em primeiro lugar despertar o desejo, tirar as pessoas daquilo que as mantém bloqueadas ou das comodidades em que elas se instalam. Chamar quer dizer formular perguntas para as quais não existem respostas pré-fabricadas. É isto, e não a prescrição de normas a respeitar, que incentiva as pessoas a colocar-se a caminho e a encontrar a alegria do Evangelho.

2. Sujeitos

Todos os jovens, sem excluir ninguém

Para a pastoral, os jovens são sujeitos e não objetos. Na prática, eles são muitas vezes tratados pela sociedade como uma presença inútil ou incómoda: a Igreja não pode reproduzir esta atitude, porque todos os jovens, sem qualquer exclusão, têm o direito de ser acompanhados no seu caminho.

Além disso, cada comunidade é chamada a prestar atenção principalmente aos jovens pobres, marginalizados e excluídos, e a torná-los protagonistas. Estar próximo dos jovens que vivem em condições de maior pobreza e dificuldade, violência e guerra, enfermidade, deficiência e sofrimento, é uma dádiva especial do Espírito, capaz de fazer resplandecer o estilo de uma Igreja em saída. A própria Igreja é chamada a aprender dos jovens: disto dão um testemunho luminoso numerosos jovens santos, que continuam a ser fonte de inspiração para todos.

Uma comunidade responsável

Toda a comunidade cristã deve sentir-se responsável pela tarefa de educar as novas gerações, e devemos reconhecer que são muitas as figuras de cristãos que a assumem, a partir daqueles que se comprometem no seio da vida eclesial. Devem ser apreciados também os esforços de quantos dão testemunho da vida boa do Evangelho e da alegria que dela brota nos lugares da vida quotidiana. Finalmente, é necessário valorizar as oportunidades de compromisso dos jovens nos organismos de participação das comunidades diocesanas e paroquiais, a começar pelos conselhos pastorais, convidando-os a oferecer a contribuição da sua criatividade e aceitando as suas ideias, até quando parecem provocadoras.

Em todo o mundo existem paróquias, congregações religiosas, associações, movimentos e realidades eclesiais capazes de projetar e de oferecer aos jovens experiências de crescimento e de discernimento verdadeiramente significativas. Às

vezes esta dimensão de projeto deixa espaço para a improvisação e a incompetência: é um risco do qual nos devemos defender, assumindo cada vez mais seriamente a tarefa de pensar, concretizar, coordenar e realizar a pastoral juvenil de modo correto, coerente e eficaz. Também aqui se impõe a necessidade de uma preparação específica e contínua dos formadores.

As figuras de referência

O papel de adultos fidedignos, com os quais entrar em aliança positiva, é fundamental em cada percurso de amadurecimento humano e de discernimento vocacional. São necessários crentes autorizados, com uma clara identidade humana, uma sólida pertença eclesial, uma visível qualidade espiritual, uma vigorosa paixão pela educação e uma profunda capacidade de discernimento. Por vezes, ao contrário, adultos despreparados e imaturos tendem a agir de modo possessivo e manipulador, criando dependências negativas, grandes dificuldades e graves contratempos, que podem chegar até ao abuso.

Para que haja figuras credíveis, é necessário formá-las e apoiá-las, oferecendo-lhes também maiores competências pedagógicas. Isto é válido de modo particular para aqueles aos quais é confiada a tarefa de acompanhar no discernimento vocacional, em ordem ao ministério ordenado e à vida consagrada.

Pais e família: dentro de cada comunidade cristã deve ser reconhecido o papel educativo insubstituível, desempenhado pelos pais e pelos demais familiares. No seio da família, são em primeiro lugar os pais que exprimem cada dia o cuidado de Deus por cada ser humano, no amor que os une entre si e aos seus próprios filhos. A tal propósito, são preciosas as indicações oferecidas pelo Papa Francisco, num capítulo específico da *Amoris laetitia* (cf. 259-290).

Pastores: o encontro com figuras ministeriais, capazes de se colocar autenticamente em jogo com o mundo juvenil, dedicando-lhe tempo e recursos, graças inclusive ao testemunho generoso de mulheres e homens consagrados, é decisivo para o crescimento das novas gerações. Também o Papa Francisco o recordou: «Peço isto sobretudo aos pastores da Igreja, aos Bispos e aos Sacerdotes: vós sois os principais responsáveis das vocações cristãs e sacerdotais, e esta tarefa não se pode relegar a um cargo burocrático. Também vós vivestes um encontro que mudou a vossa vida, quando outro sacerdote – o pároco, o confessor, o diretor espiritual – vos fez experimentar a beleza do amor de Deus. E assim também vós: saindo, ouvindo os jovens – é preciso paciência! – os podeis ajudar a discernir os movimentos do seu coração e a orientar os seus passos» (*Discurso aos participantes no Congresso de Pastoral Vocacional*, 21 de outubro de 2016).

Professores e outras figuras educativas: muitos professores católicos estão comprometidos como testemunhas nas universidades e nas escolas de todos os níveis; no mundo do trabalho, muitos estão presentes com competência e paixão; na política, numerosos crentes procuram ser fermento para uma sociedade mais justa; no voluntariado civil, muitos se dedicam em prol do bem comum e do cuidado da criação; na animação do tempo livre e do desporto, são numerosos os que trabalham com entusiasmo e generosidade. Todos eles dão testemunho de vocações humanas e cristãs acolhidas e vividas com fidelidade e compromisso, suscitando em quantos os veem o desejo de fazer o mesmo: responder com generosidade à própria vocação é o primeiro modo de promover a pastoral vocacional.

3. Lugares

A vida quotidiana e o compromisso social

Tornar-se adulto significa aprender a gerir autonomamente dimensões da vida que são fundamentais e, ao mesmo tempo, quotidianas: a utilização do tempo e do dinheiro, o estilo de vida e de consumo, o estudo e o tempo livre, a roupa e a comida, a vida afetiva e a sexualidade. Esta aprendizagem, que inevitavelmente os jovens devem enfrentar, é a ocasião para colocar em ordem a própria vida e as suas prioridades, experimentando percursos de escolha que podem tornar-se uma escola de discernimento e consolidar a orientação pessoal, tendo em vista as decisões mais importantes: quanto mais autêntica for a fé, tanto mais interpelará a vida quotidiana e por ela se deixará interrogar. Merecem uma menção particular as experiências, muitas vezes difíceis ou problemáticas, da vida de trabalho ou relativas à falta de trabalho: também elas constituem uma ocasião para compreender ou aprofundar a própria vocação.

Os pobres gritam e, juntamente com eles, também a terra: o compromisso a ouvir pode ser uma ocasião concreta de encontro com o Senhor e com a Igreja, bem como de descoberta da própria vocação. Como ensina o Papa Francisco, as ações comunitárias mediante as quais cuidamos da casa comum e da qualidade de vida dos pobres, «quando exprimem um amor que se doa, podem transformar-se em experiências espirituais intensas» (*Laudato si'*, 232), e portanto também em oportunidades de caminho e de discernimento vocacional.

Os âmbitos específicos da pastoral

A Igreja oferece aos jovens lugares específicos de encontro e de formação cultural, de educação e de evangelização, de celebração e de serviço, colocando-se em primeira linha em ordem um acolhimento aberto a todos e a cada um. Para estes lugares e para quantos os animam, o desafio consiste em proceder sempre mais na lógica da construção de uma rede integrada de propostas, e em assumir, na própria maneira de agir, o estilo do sair, ver, chamar.

- A nível mundial, sobressaem as Jornadas Mundiais da Juventude. Além disso, as Conferências Episcopais e as Dioceses sentem cada vez mais como seu dever proporcionar acontecimentos e experiências específicas para os jovens.

- As paróquias propõem espaços, atividades, tempos e percursos para as jovens gerações. A vida sacramental oferece ocasiões fundamentais para crescer na capacidade de receber a dádiva de Deus na própria existência e convida à participação ativa na missão eclesial. Sinal de atenção ao mundo dos jovens são os centros juvenis e os oratórios.

- As universidades e as escolas católicas, com o seu precioso serviço cultural e formativo, constituem outro instrumento de presença da Igreja no meio dos jovens.

- As atividades sociais e de voluntariado oferecem a oportunidade de se envolverem no serviço generoso; o encontro com pessoas que experimentam pobreza e exclusão pode ser uma ocasião favorável de crescimento espiritual e de discernimento vocacional: também a partir deste ponto de vista os pobres são mestres, aliás, portadores da Boa-Nova de que a fragilidade é o lugar onde se realiza a experiência da salvação.

- As associações e os movimentos eclesiais, mas inclusive muitos lugares de espiritualidade, propõem sérios percursos de discernimento aos jovens; as experiências missionárias tornam-se momentos de serviço generoso e de intercâmbio fecundo; a redescoberta da peregrinação como forma e estilo de caminho parece válida e promissora; em numerosos contextos a experiência da piedade popular sustém e alimenta a fé dos jovens.

- Um lugar de importância estratégica é ocupado pelos seminários e pelas casas de formação que, também através de uma vida comunitária intensa, devem permitir que os jovens recebidos possam fazer a experiência, que por sua vez os tornará capazes de acompanhar outros.

O mundo digital

Pelos motivos já recordados, merece uma menção particular o mundo dos *new media*, que sobretudo para as jovens gerações se tornou verdadeiramente um lugar de vida; oferece muitas oportunidades inéditas, sobretudo no que diz respeito ao acesso à informação e à construção de vínculos à distância, mas apresenta também riscos (por exemplo, o *cyberbullying*, o jogo de azar, a pornografia, as insídias das *salas de chat*, a manipulação ideológica, etc.). Não obstante as numerosas diferenças entre as várias regiões, a comunidade cristã ainda deve construir a sua presença neste novo areópago, onde os jovens certamente têm algo para lhe ensinar.

4. Instrumentos

As linguagens da pastoral

Às vezes observamos que entre a linguagem da Igreja e a dos jovens se abre um espaço difícil de preencher, não obstante as muitas experiências de encontro fecundo entre a sensibilidade dos jovens e as propostas da Igreja nos âmbitos bíblico, litúrgico, artístico, catequético e dos meios de comunicação. Sonhamos com uma Igreja que saiba deixar espaços ao mundo juvenil e às suas linguagens, apreciando e valorizando a sua criatividade e os seus talentos.

Reconhecemos em particular no desporto um recurso educativo que oferece grandes oportunidades, e na música e nas outras expressões artísticas uma privilegiada linguagem expressiva que acompanha o caminho de crescimento dos jovens.

A educação e os percursos de evangelização

Na ação pastoral com os jovens, na qual é necessário empreender processos mais do que ocupar espaços, descobrimos antes de tudo a importância do serviço em prol do crescimento humano de cada um e dos instrumentos pedagógicos e formativos que podem sustentá-lo. Entre evangelização e educação existe um fecundo vínculo genético que, na realidade contemporânea, deve ter em consideração a gradualidade dos caminhos de amadurecimento da liberdade.

Em relação ao passado, devemos habituar-nos a percursos de aproximação da fé sempre menos padronizados e mais atentos às características pessoais de cada um: ao lado daqueles que continuam a seguir as etapas tradicionais da iniciação cristã, muitos chegam ao encontro com o Senhor e com a comunidade dos fiéis através de outro caminho e em

idade mais avançada, por exemplo a partir da assunção de um compromisso em prol da justiça ou do encontro em âmbitos extra-eclesiais, com alguém que é capaz de ser testemunha credível. Para as comunidades, o desafio consiste em ser hospitaleiras para com todos, seguindo Jesus que sabia falar com judeus e samaritanos, com pagãos de cultura grega e ocupantes romanos, compreendendo o desejo profundo de cada um deles.

Silêncio, contemplação, oração

Finalmente, e sobretudo, não há discernimento sem cultivar a familiaridade com o Senhor e o diálogo com a sua Palavra. Em particular, a *Lectio Divina* é um método precioso que a tradição da Igreja nos transmite.

Numa sociedade cada vez mais barulhenta, que proporciona uma superabundância de estímulos, um objetivo fundamental da pastoral juvenil vocacional consiste em oferecer ocasiões para saborear o valor do silêncio e da contemplação, e formar para a nova leitura das experiências pessoais e para a escuta da própria consciência.

5. Maria de Nazaré

Confiemos a Maria este percurso em que a Igreja se interroga sobre a maneira de acompanhar os jovens a aceitar o chamamento à alegria do amor e à vida em plenitude. Ela, jovem mulher de Nazaré, que em cada etapa da sua existência acolhe a Palavra e a conserva, «meditando-a no seu coração» (cf. *Lc 2, 19*), foi a primeira que percorreu este caminho. Cada jovem pode descobrir na vida de Maria o estilo da escuta, a coragem da fé, a profundidade do discernimento e a dedicação ao serviço (cf. *Lc 1, 39-45*). Na sua «pequenez», a Virgem noiva de José experimenta a debilidade e a dificuldade de compreender a vontade misteriosa de Deus (cf. *Lc 1, 34*). Também Ela é chamada a viver o êxodo de si mesma e dos seus projetos, aprendendo a entregar-se e a confiar.

Fazendo memória das «maravilhas» que o Todo-Poderoso realizou nela (cf. *Lc 1, 49*), a Virgem não se sente sozinha, mas plenamente amada e apoiada pelo *Não temas!* do anjo (cf. *Lc 1, 30*). Consciente de que Deus está com Ela, Maria abre o seu coração ao *Eis-me!*, inaugurando deste modo o caminho do Evangelho (cf. *Lc 1, 38*). Mulher da intercessão (cf. *Jo 2, 3*), diante da cruz do Filho, unida ao «discípulo amado», aceita novamente o chamamento a ser fecunda e a gerar a vida na história dos homens. Nos seus olhos cada jovem pode voltar a descobrir a beleza do discernimento, e no seu coração pode experimentar a ternura da intimidade e a coragem do testemunho e da missão.